

DIALOGOS INSTRUCTIVOS

O BARRO

(Conclusão)

— Se a origem da loiça de barro, propriamente dita, nos é desconhecida, — continuou o tio Antonio — outro tanto não acontece com a

faiança. Sabe-se que foi inventada, ahí pelos annos de 1300, em Faenza, na Italia, ou em Faiença, na Provença. As opiniões divergem a este respeito. O que se pôde affiançar é que a faiança franceza só começou a ser procurada em 1555, depois que Bernardo Palissy ¹ descobriu o modo de a esmaltar. Este homem intelligente, que de simples operario chegou a ser um dos mais notaveis geologos da sua epoca, foi o creador da faiança artistica.

A descoberta da porcelana é muito mais recente. Os primeiros ensaios foram feitos em França, ahí por 1695, mas com pouco resultado. Só em 1717 se conseguiu fabricar a porcelana branca e resistente, e isso porque vieram da China preciosos esclarecimentos. Foi em 1766

dadeiramente a manufactura das porcelanas de Sevres ², tão apreciadas em todo o mundo, rivaes das de Saxe ³, superiores até, na opinião de muitos amadores.

— Segundo parece, os chinezes conhecêram muito antes de nós a arte de fabricar as porcelanas — observou o pequenito Abel.

— A China é o berço da civilisação, e não falta quem affirme que os seus habitantes inventaram antes de nós a bussola, o papel, a polvora, a imprensa, etc. Mas aquelle povo, com o seu systema de se isolar do resto dos homens, não pôde tirar o proveito devido ás suas importantes invenções e descobertas. Ainda hoje, apesar da civilisação tanto haver avançado, aquelle immenso paiz, dez vezes maior e mais populoso que a França, não possui ainda caminhos de ferro.

— Ora essa! — exclamou a Emilinha, muito admirada.



A famosa torre de Kiang-Ning, citada como uma maravilha, é coberta...



... os soldados em campanha servem-se tambem de barro muitas vezes...

que se descobriram em França algumas minas de kaolin, e d'essa data em diante começou ver-

¹ Bernardo Palissy celebre loiçeiro nascido em Agen, em 1510, e fallecido em 1589.

— É tal e qual, minha menina. Entretanto, ninguem pôde, sem injustiça, desconhecer a pro-

² A fabrica de porcelanas de Sevres foi fundada em 1756.

³ As primeiras porcelanas de Saxe datam de 1702.

digiosa habilidade dos chinezes na arte de fabricar a porcelana. Como na China as minas de *kaolin* são abundantísimas, a porcelana é alli muito barata. Os chins até a empregam no revestimento das paredes e dos pavimentos das casas, isto quando não fazem com ella todo o edificio; os templos, ou pagodes, são geralmente todos revestidos de porcelana.

A famosa torre de Kiang-Ning, citada como uma maravilha, é coberta de porcelana desde a base até á cupula. Compõe-se de nove andares, cada um dos quaes tem um tecto saliente de oito faces. Dizem que foi construida no anno 1000, e nunca soffreu a menor alteração.

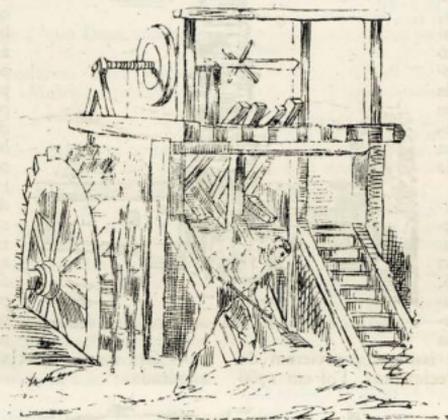
— A proposito da China: — atalhou a Emilinha — tenho muitas vezes ouvido fallar na sua celebre muralha; existe realmente?

— Ha vinte seculos que se conserva de pé, é

— Os fortes das praças de guerra, certamente; mas não as fortificações que os engenheiros mandam levantar nos campos de batalha para montarem as peças de artilheria. Estas fortificações são apenas reductos feitos de terra. A proposito: os soldados em campanha servem-se tambem do barro muitas vezes, já para construir abrigos, cisternas, etc., já para fazerem fornos onde cozem o pão.

— O sr. Antonio — perguntou de repente a Emilinha — esta enorme estatua vermelha tambem é de barro?

— E sim, minha menina. O barro, depois de amassado, fica molle como a cera, e então os esculptores servem-se d'elle para fazerem o modelo, antes da obra ser fundida em bronze, ou em gesso, ou esculpida em marmore. As vezes, os artistas contentam-se com o modelo de barro,



Com o auxilio d'este cimento, evita-se que a agua se infiltre pelas paredes...

que prova a solidez do barro, porque a muralha é feita de tijolos, sendo apenas revestida de cantaria n'um ou n'outro ponto. Esta muralha tem 12 metros de altura, termo medio, 8 de largura, e 2,500,000 de comprimento. De kilometro em kilometro ha uma torre com 24 metros de altura, onde os guardas estavam de vigia, para não deixarem escalar o muro; a passagem só era permitida por quatro grandes portões de ferro. Esta muralha gigantesca começa em Pekin, dirige-se para o norte, e depois estende-se para oeste, separando a China propriamente dita da Tartaria. Foi feita para impedir a invasão dos Mogoes e dos Mandchux, o que não obistou, contudo, a que estes dois povos conquistassem a China. D'aqui se pôde concluir que as melhores fortificações d'um paiz são a coragem e o patriotismo dos seus habitantes.

— Entretanto, — observou Abel — creio que as nossas fortificações são mais solidas que a tal muralha da China.

e, n'esse caso, fazem-no coser, para lhe dar consistencia.

— O barro é na verdade bem util — disse Abel, reflectindo. — O barro ordinario serve para fazer tijolos e telhas para as construcções, e tambem os objectos caseiros, taes como: potes, bilhas, tachos, alguidares, etc. Com o barro branco faz-se a faiança e com o *kaolin* a porcelana.

— E, graças á porcelana, temos serviços de meza muito bonitos e lindos objectos de arte — accrescentou a Emilinha. — É verdade, porque é que esta estatuetta não tem brilho nenhum?

— Porque, antes de ser cosida ao fogo, não lhe juntaram a materia vitrea. Este genero de porcelana tem o nome de *biscuit*.

— Com o barro — continuou o applicado Abel — fazem-se fornos, cadinhos, estatuas...

— Cachimbo, bonecas, figuras e muralhas de 600 leguas! — interrompeu a Emilinha, rindo.

— Alguns barros, ou argilas, são chamados

ócre, terra de Sienne, de Cassel, de sombra, etc., e são empregados na pintura como matérias corantes—explicou ainda o tio Antonio.—A argila que se encontra em Pouzzoles, perto de Nápoles, e que, por esse motivo, se chama *pouzzolana*, tem a propriedade de formar, junta com a cal e a areia, uma argamassa que endurece rapidamente debaixo d'água. Com o auxilio d'este cimento, evita-se que a agua se infiltre pelas paredes, e d'esse modo se consegue vedar inteiramente os tanques e os reservatorios de agua. Prompto — disse o artista, interrompendo as suas explicações, e apresentando aos dois manos o prato concertado.

A Emilinha pôz-se a bater as mãos, muito contente, exclamando:

— Está perfeitissimo! Não se nota nenhum signal de racha!

— Admiravel! — accrescentou Abel — O papá não dará pela nossa maldade.

— Louvado seja Deus! — exclamou a adoravel pequenita. — Dava de boa vontade todos os meus bonitos só para evitar um desgosto ao papá ou á mamã!

— E eu dava tudo que possuo para lhes proporcionar um prazer! — accrescentou o bondoso Abel.

— Adoraveis creanças! — murmurou commovido o tio Antonio. — Teem bom coração, excellente caracter, e não perdem occasião de se instruir.

— E de quebrarmos os pratos finos! — ajuntou a Emilinha com um sorriso encantador.

FIM



A ESFOLHADA

Era uma noite de agosto;
resplendia a lua cheia
nos casas da minha aldeia,
nas ramagens do meu val.
Das abundantes colheitas
surgira a provida fada;
vinha escutar da esfolhada
o concerto festival.

Ouvi-me, se amaes do campo
a lida, o riso, as cantigas.
N'essa noite as raparigas
cantavam todas assim;
e que faces tão formosas!
dirieis vermelhas rosas
nos canteiros d'um jardim.

Cantae, cantae moças, não pôde haver festa
que dê mais venturas, que a alegre esfolhada,
Vem cedo a velhice, depois nada resta
dos beijos, dos risos, da gloria passada.

Resplende a alegria nas faces morenas:
as filhas do campo não sabem chorar;
colhamos grinaldas de myrtos e açucenas;
cantae, cantae moças, que a vida é cantar!

Sorri-nos na bocca das mães carinhosas
affecto que a vida nos banha em fulgor;
a fonte nos mostra que somos formosas,
os moços nos juram que morrem de amor.

Despi do seu manto de alvissima tela
o milho, abundancia do pobre casal!
Cantae, cantae moças, que a vida é mais bella
no campo, aos effluvios do ameno rosal.

Os prados tem risos, fadigas e flores;
as messes lourejam da lua ao clarão;
o seio das virgens tem cantos e amores,
e Deus no seu throno tem luz e perdão.

No céu que se aclara desponta a alvorada;
a alegre calhandra começa a cantar;
erguei-vos, ó moças, que é finda a esfolhada
e o almoço nos chama fumando no lar.

D. MARIA AMALIA VAZ DE GARVALHO.

O BARBEIRO DE ALDEIA

(Conclusão)

DESENHOS DE R. BORDALLO PINHEIRO

tar-se; mas conteve-se, para não ficar barbeado só d'um lado, o que seria muito ridículo.



Logo que sentiu a navalha na cara, o elegante estremeceu.

— Devagarinho, mestre, não tenha pressa — disse elle.

— Sim, senhor, a coisa ha de sahir perfeita.

E a navalha continuava a raspar desalmadamente, fazendo quasi tanta bulha como uma cigarra á hora do calor.



O mestre barbeiro proseguia impassivel, mettendo-lhe os sujos dedos na bôcca,



O lisboeta suava já por todos os poros, dizendo mal á sua vida. O seu desejo era levantar-



arrebitando-lhe o nariz,



dando-lhe tratos á cabeça... um verdadeiro supplicio!



O elegante ergueu-se d'um salto, e enfiou pela porta fóra, de toalha no peito, a cara cheia de sabão e sem chapéu.

Se o vissem os seus companheiros do Chiado, que troça lhe não fariam!



N'isto, o elegante reparou n'um cão preto, que seguia com olhares cubiçosos todos os movimentos da terrível navalha.

— O mestre, que demonio faz ahí este cão, que não tira os olhos de mim? — perguntou elle.

— Está á espera — respondeu o barbeiro, sorrindo.

— A espera de quê?

— É que ás vezes a navalha... sim, não é por mal... leva adiante de si um bocadito de carne do nariz, ou da orelha, e então o cão aproveita. Mas não receie V. Ex.^ª...

UMA LIÇÃO



ra um dia de verão, quente, insupportavel, e á hora justamente em que o calor mais aperta. Toda a aldeia estava como sepultada em profundo silencio, interrompido apenas de quando em quando, pelo cantar dos gallos e pelas badaladas do sino da freguezia. Todos descansavam do trabalho da manhã; as aulas que alli havia estavam fechadas até ás

duas horas; nas obras ninguem trabalhava, tudo emfim era repouso...

É costume entre essa gente o jantarem ao meio-dia em ponto. Por isso, em casa do João, que era filho de lavradores remediados, se esperava sempre por o rapaz, que havia de vir da aula, onde andava a aprender a ler.

João era um rapazote de 13 annos, mas destemido dos perigos, desenvolvido, como toda a gente do campo, e «quasi um homem» como lá dizia o bom prior, pondo-lhe a mão na cabeça.

Rosto ossudo com proporcionadas feições; olhos vivos, nariz grande, um pouco achatado, bocca que podia quasi competir com a d'um

lobo, testa alta e enormes orelhas. Era feio, mas esperto... e cábula... que Deus nos livre!... Só se não podia é que deixava de fazer a sua *gaçetita*, pelo que já tinha levado bastante do pae, quando o surpreendia em *flagrante*... E tudo porquê?

Porque era doido por apanhar passaros ao visco, para depois os vender aos *fiálgotes* da terra.

O caso é que já passava da uma hora e o João... nada! Passou-se mais meia hora e... o mesmo! O pae começava já a estar desassoçado, e, passeando pela cosinha, dizia, batendo com o pé no chão:

— Mas onde estará o rapaz?! Já todos vão para a aula e elle sem apparecer?!... Nada!... aqui anda coisa!...

E passeava com força.

A mulher, para o socegar, dizia-lhe, mechendo algum tacho, porque ainda se não tinha jantado:

— Póde ser que tivesse lá castigo!... Estes rapazes!

— Escusas de me estar a dizer isso, que me fazes quizilar ainda mais! tornava elle zangado.

Depois, pensando um bocadinho;

— Ora espera...

E tomou por um corredor para a porta da rua.

— Que vaes fazer, *home* de Deus? berrava-lhe a mulher atraz d'elle; espera, que o pequeno ha de vir!...

— Logo verás! respondeu o tio Manuel, sahindo para a rua.

O João d'esta vez foi pilhado... e bem pilhado! O pae, cego de raiva, foi direito á escola e perguntou ao professor se o João estava de castigo, ou o que era aquella demora!

— Nada, *sôr* Manuel, lhe disse o professor, seu filho nem cá hoje appareceu!

— Nem cá hoje appareceu! bradou o pae, rouco d'afflicção. Obrigado, senhor mestre.

E sahio sem dizer mais nada.

Foi para casa, e tão descomposto ia, que a *sôra* Joaquina, ao vel-o entrar assim, recuou dois passos.

Elle, sem esperar nada, virou-se para ella e disse:

— Não foi lá!...

— O quê?! exclamou a boa mãe. Pois o João não teria vergonha?!...

— Não sei! Disse-me o mestre que não foi lá... Ah! malditos passaros!... Deixa estar... elle já tem idade para ver que faço sacrificios para o trazer alli a aprender... podia-o metter a jornaleiro nas terras... já poupava um ordenado, e é esta a paga!... A aula acabou-se!... A desgraçadicos faz-se assim!...

Depois, passeando um pouco de tempo desorientado, virou-se para a *sua* Joaquina e perguntou:

— Para onde é que elle costuma ir atraz dos taes passaros?

— Para o ribeiro da Horta.

— Bem!

E o tio Manuel sahio precipitadamente.

D'alli mettu-se á azenha do moinho, atravessou

mais dois ou tres campos e chegou emfim á propriedade da Horta.

No meio d'esta propriedade ha um pequeno e estreito ribeirinho com hervas dos lados; mais adiante um muro coroadado de espessas silvas, que deixavam cahir os seus negros cachos d'amoras.

O tio Manuel, mal chegou, deu logo com o que procurava.

Mesmo por baixo das silvas, deitado ao comprido na relva, estava o João a dormir, tendo ao lado, atados a um cordel, bastantes passaritos mortos.

João escolhera aquelle sitio, porque era onde os passaros iam beber.

Então, agarrando uma porção de lama, fazia com ella pequenos montes, onde punha as varas de visco, indo immediatamente para a sombra do silvado esperar que viessem os passaros, que loucos pousavam em cima dos taes montes, onde ficavam presos. O João corria então a agarral-os e matava-os.

Como estava alli desde pela manhã, ouvindo o marulhar da agua, o sussurro das folhas, foi sentindo uma grande preguiça, até que... adormeceu!...

Horriavel despertar o esperava!

O pae, assim que o viu, correu para elle e, levantando-o pelas orelhas, disse berrando:

— Ah! mariola!... então aqui é que é a aula, hein?! Salta-me já na minha frente, que em casa fallaremos!

— Eu... balbuciou o rapaz a desculpar-se, fui primeiro á aula!

— Mentas, patife! disse o pae dando-lhe uma bofetada. Anda-me já para diante, mostrego!...

O rapaz e o pae pozeram-se a caminho de casa. Ahi, todos os passaros que o João trazia foram dados ao gato, que se regalou, saboreando-os; e o João, depois de ter levado uma regular sova do pae, foi fechado n'um quarto.

Não jantou n'esse dia e desde então ficou sem a estima que todos lhe tinham; estima essa, que só é digna de quem é bom e generoso.

O pae cumpriu a sua palavra. O João não foi mais á aula mas... para Lisboa, onde embarcou para o Rio de Janeiro. Lá, vendo-se só, sem conhecer ninguem e soffrendo os maus tratos do patrão, conheceu o mal que fizera e, regenerando-se completamente, ponde, passados alguns annos, vir a Portugal com algum dinheiro junto. Foi para a aldeia de seus paes, onde só encontrou a mãe, a *sôra* Joaquina, porque o pae tinha morrido dois annos antes. Estava sepultado no cemiterio da freguezia, na terra extrema, ainda que em cova separada; mandou-lhe pois levantar um mausoleo, onde depoz os restos de seu bom pae.

Quando passava junto ao ribeiro, parava, recordando-se da excellent correccção que seu pae outr'ora lhe dera.

Morreu com 60 annos e completamente regenerado!

Boa lição!

Lisboa.

A. MEIRELLES DE LEMOS.

HISTORIA DE VALDEMAR DAAE E DE SUAS FILHAS

CONTO DE ANDERSEN

(Continuação)

Os cavallos negros como o ebano escarvavam impacientes na estrebaria. Dois especialmente eram de extrema belleza, galhardos, garbosos, finissimos. O almirante mandado pelo rei para ver e comprar o navio ficou entusiasmado com os formosos animaes.

Eu fui testemunha da admiração do almirante, porque o seguí até á estrebaria, espalhando por um e outro lado as palhas louras como pequenas barras de ouro. O almirante teimou em fazer entrar os cavallos no contrato do navio, e como Valdemar nem quiz ouvir tal proposta, nenhum contrato se realisou. O navio ficou na praia, coberto de taboas, encalhado na areia.

Dzd, dzt! voar! voar! Era na verdade desolador!

Veiu o inverno; cobriram-se de neve os campos, o Belt encheu-se de gelos fluctuantes que eu impellia para a beira-mar. Então os corvos vieram em grandes bandos, cheios de barulhos asperos, pousar sobre o navio solitario.

O seu crocitar vil ouvia-se pelo mar, pelas florestas; por essas florestas cujas arvores mais bellas haviam cahido para se fazer a nau gigantesca, a grande molle negra ora tombada sobre a fita de areia.

Lancei turbilhões de neve sobre o navio; em torno d'elle levantaram-se grandes montões de gelo, e ao mesmo tempo fiz resoar nos seus flancos a minha voz de tempestade. Queria que elle obtivesse assim alguns conhecimentos da vida maritima. Hum, hu, dzt! vôa, vôa!

Passou o inverno. As estações passam como eu passo. Nas minhas azas levo a neve, ou as flores, ou as folhas, como levo tambem as vidas dos homens.

As filhas do rico Valdemar eram novas ainda. Ida era ainda a brilhantissima rosa como no tempo dos silenciosos amores do engenheiro naval.

Muitas vezes me entretinha eu beijando as suas tranças escuras, fartas e compridas, enquanto ella, sob as arvores do jardim, olhava pensativa o sol no occaso, o horizonte de purpura, sem reparar nas flores roseas ou brancas que, levadas das arvores, eu lhe lançava brincando no collo, no regaço, nos cabellos voluptuosos.

Sua irmã Joanna era branca e levantada como o lyrio; na cabeça esvelta e erguida parecia haver tambem altivez: como sua mãe, semelhava ella uma flor mimosa sobre uma haste fragil. Gostava muito dos salões nobres, onde, pelas altas paredes, se enfileiravam os retratos de familia; mulheres vestidas de setins e velludos, sobre os cabellos entrançados variadas toucas bordadas de perolas e ao lado d'ellas os esposos, uns com suas armaduras de aço damasquinado, outros de amplos mantos forrados de arminho,

e grandes gargantilhas de rendas ao pescoço. Joanna, contemplando as nobres pinturas, pensava no feliz mortal que um dia teria de certo ao seu lado; muitas vezes fallava d'isso, em voz baixa, quando estava só. Ah! eu bem a ouvia, passeando nos magestosos salões e corredores onde por vezes eu entrava de mansinho pelas portas entreabertas.

Dzd, dzt, vôa! vôa!

Anna Dorothea, o pallido jacintho, tinha apenas quinze annos. Na physionomia pintava-se a alma pensativa e meiga. Nos labios um sorriso de criança. Flexivel, tão debil!... se eu soprasse mui riço levava-a com certeza, sem grande esforço até.

Encontrava-a no jardim, nas veredas do valle, nos campos, em toda a parte onde havia flores e plantas aromaticas. Sabia quaes as essencias que o pae procurava mais, porque Valdemar, o fidalgo frio e orgulhoso, era tambem erudito e muito intelligente. Diziam até, n'aquelles ardores, que era um sabio nas sciencias occultas. Frequentemente das chaminés dos seus gabinetes sahiam fumos diversos, de raras côres. Nos taes gabinetes só elle entrava; das suas mysteriosas experiencias ninguem ouvia ainda fallar. Só eu conhecia os seus longos estudos, as suas dilatadas meditações; só eu sabia de como Valdemar havia phantasiado, dirigindo o trabalho da natureza, de obter o seu segredo mais invejado, o segredo da formação do ouro. Quantas vezes o vira eu curvado, anhelante, transpirando sobre as retortas e cadinhos, absorto todo na grande obra, na decifração do obscuro enigma. Entrava pelo alto tubo da chaminé e com a minha voz soturna vinha cantar no lar: Basta, basta! isso apenas produz vapor, fumo, carvões e cinza. Acabará, desvirado, por te queimares a ti mesmo.

Dzd, dzt, vôa, vôa!

Mas Valdemar Daae não escutou a voz rouca do vento. E que foi feito dos garbosos cavallos pretos? e das baixellas de ouro e prata? e das cearas, das florestas e da casa acastellada? Tudo se fundiu no cadinho, sem deixar ahi uma só parcella de ouro.

Em breve ficaram vasilos os armazens, celleiros e adegas. Muitos criados foram despedidos, cresceu o numero dos ratos. Nas vidraças os vidros quebrados não eram substituidos, de modo que eu entrava á vontade, sem esperar pelo abrir das portas. Nas salas, já desornadas e sem mobilia, triumphava eu agora nos meus variados caprichos; e aquella solidão só era animada pelos meus zumbidos e assovios, pelo guinchar das ratazanas.

(Continúa).

GABRIEL PEREIRA.

ALEGRIAS

Enviaram a Leibnitz um livro, pedindo-lhe a sua opinião auctorizada. O grande philosopho allemão respondeu d'este modo:

«Li a sua obra. Achei n'ella muitas coisas boas e muitas coisas novas. O peor é que as novas não são boas, e as boas não são novas.»

Tal resposta podia applicar-se a muitos escriptores.

Chegou-se a um estudantinho um rapazito, e pediu-lhe esmola, dizendo que era muito desgraçado.

— Ah! então andas certamente no latim! — respondeu o cábula.

— Acho-o muito melhor, meu amigo! — dizia um medico ao doente. — O pulso está magnifico! Pelo que vejo, seguiu a minha receita?

— Não segui, não, sr. doutor, e ainda bem, porque teria quebrado as pernas!

— Ora essa! — exclamou o medico, offendido.

— E' que a criada deitou o papel pela janella fóra!

Passava pela rua do Oiro uma senhora com a sua filhinha pela mão, quando uma creança se lhe aproximou a pedir esmola. A senhora deu-lhe 10 réis.

— Que lhe disse aquella rapariguinha? perguntou a menina.

— Disse-me que não tinha pão.

E vendo que a pequenita se mostrava indifferente, acrescentou:

— Então não tens dó d'ella?

— Eu não, mamã; é tão bom comer tudo sem pão!

Sendo condemnado á morte um soldado francez, supplicou a Napoleão I que lhe perdoasse.

— Não posso conceder-te o que me pedes — respondeu o imperador.

— Senhor, confesso ter praticado o crime de que me accusam, e reconheço que devo ser castigado, por causa da disciplina; mas o genero de morte que me destinam é que é ignominioso.

— Pois bem, se é o genero de morte que te inquietta, concedo-te que escolhas como desejas morrer.

— Muito agradecido, meu imperador!

— Bem: então como queres morrer?

— De velhice.

O imperador achou graça á sahida do soldado, e perdoou-lhe, porque o crime era apenas de desobediencia militar.

Frederico II da Prussia perguntou um dia zombeteiramente ao celebre medico Zunnermann quantas pessoas tinha morto em toda a sua vida.

— Não tantas como vossa magestade — respondeu o medico — e com muito menos gloria.

HORAS ENTRETIDAS

55 — CHARADA

Femea nasci, }
Macho vivi, } 1
Femea morri }

E a serpentina }
E a lustrina }
E a lamparina, } 1
Se me não tem,
Não valem nem
Triste vintem.

Vá lá casar, }
O que gostar }
De disputar: } 2
Eu não gostei
(Talvez errei!...)
E assim fiquei!

Em Roma ingente
Publicamente
Fui eloquente.

Porto Zé FERRO.

56 — CHARADA NOVISSIMA

Em casa come-se este animal — 1 — 1

Monchique CUNHA & C.^a

57 — CHARADA NOVISSIMA

Aqui com agua agazalha — 1 — 2

Lisboa AS TRES SALATINAS.

58 — CHARADA NOVISSIMA

Sentido, liberal, é preposição amada por Socrates — 1 — 1 — 1

Lisboa HERMINIA.

59 — CHARADA NOVISSIMA

Esta ave na musica é ave — 2 — 1

Lisboa CINCO & C.^a

60 — CHARADA EM RHOMBO

(á INSGNE E EXILIA CHARADISTA D. HERMINIA)

Uma vogal com certeza,
Mas composta de farinha,
Foi paiz oriental
Que serviu bem a rainha.
Consoante, não vogal.

Vizeu BÉBÉ.

61 — CHARADA SEMI-MATHEMATICA

Villa — a + e — Animal. — 2

Vizeu BÉBÉ.

62 — METAGRAMMA

Com a primeira palavra
Muitos nomes vac formar,
Encontra leito e cama
Para n'ella descançar.

A segunda sempre grita
Quando terceira tiver
Pois é teima de jumento
Comparada á da mulher.

Na quarta o pé se vê,
D'uma ou d'outra bebida;
Na quinta tem a fortuna,
N'uma gaveta escondida. — 2

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

46, Aerio.

47.

A FRI CA
FRI TA DA
CA DA VAL

48, Ganapão — 49, Frigado — 50, Theotonio — 51, Macabra — 52, Trinquinas — 53, Portalegre — 54, A espada e o anel segundo a mão em que estiver.